

Ribeiro Lin, Davi Chan

“Mi peso es el amor”: la concepción cristiana del “peso” en el diálogo con la teleología del amor en San Agustín

VI Congreso Internacional de Literatura, Estética y Teología
“El amado en el amante : figuras, textos y estilos del amor hecho historia”
Facultad de Filosofía y Letras y Facultad de Teología – UCA
Asociación Latinoamericana de Literatura y Teología

Este documento está disponible en la Biblioteca Digital de la Universidad Católica Argentina, repositorio institucional desarrollado por la Biblioteca Central “San Benito Abad”. Su objetivo es difundir y preservar la producción intelectual de la Institución.

La Biblioteca posee la autorización del autor para su divulgación en línea.

Cómo citar el documento:

Ribeiro Lin, Davi C. “Mi peso es el amor : la concepción cristiana del “peso” en el diálogo con la teleología del amor en San Agustín” [en línea]. Congreso Internacional de Literatura, Estética y Teología “El amado en el amante : figuras, textos y estilos del amor hecho historia”, VI, 17-19 mayo 2016. Universidad Católica Argentina. Facultad de Filosofía y Letras. Facultad de Teología ; Asociación Latinoamericana de Literatura y Teología, Buenos Aires. Disponible en: <http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/repositorio/ponencias/peso-amor-concepcion-cristiana.pdf> [Fecha de consulta:]

"Mi peso es el amor": La concepción cristiana del "peso" en el diálogo con la teleología del amor en San Agustín

"My weight is love": the Christian understanding of "weight" in dialogue with the teleology of love in Saint Augustine

Davi Chang Ribeiro Lin
Pasaporte: FO328608 (Brasil)
Maestro e Doutorando en Teología
FAJE (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia)
davichangbh@gmail.com
CAPES | PROEX

Resumen

Vivimos en sociedades obsesionadas en "bajar de peso". Como un enemigo de un ideal de belleza estética, el peso tiene connotaciones negativas. Enrique Rojas, en su libro *El hombre light* sugiere que la característica de la vida contemporánea es tomar el peso de las cosas. La tradición judío-cristiana ve el peso no sólo en sus aspectos físicos, sino también teológicamente, con una dimensión teleológica: el peso no necesariamente debe ser retirado, sino redireccionado al fin adecuado, es decir, al peso debido a cada objeto. En términos bíblicos, dar el peso o engordar se relaciona con la gloria y el honor dirigido a alguien, como en la expresión hebrea *Kavad* y la expresión paulina, "peso de la gloria." En la encarnación de Cristo, Dios adquiere peso y materialidad física. En la patrística, San Agustín trabaja con una noción pre newtoniana de la gravedad, en que los objetos son movidos por su peso hasta su posición correcta en el orden del cosmos. Del mismo modo, el amor es el peso que impulsa el alma a su lugar adecuado: el amor ordenado en Dios hace el pasaje desde la inquietud hasta el descanso. La concepción agustiniana incluye movimiento, una teleología del deseo y el afecto a Dios que desafía la cultura *light* y la fragilidad afectiva relacional contemporánea, inspirando una vida de unión y "habitación" en el ser amado. San Agustín ofrece una visión en que el peso no contradice al movimiento y la ligereza, sino que es fuerza unitiva direccionada al amor. Palabras Claves: amor, San Agustín, peso, teleología, hombre light.

Abstract

We live in a society obsessed with the idea of "losing weight". As an enemy of an aesthetical ideal of beauty, weight has been understood negatively. Enrique Rojas, in his book *El hombre light* suggests that the main aspect of contemporary life is to take out the weight of things. The Judaeo-Christian tradition has seen the concept of weight not only in its physical aspects, but also theologically, with a teleological dimension: weight does not necessarily need to be taken out, but redirected to the adequate end, the accurate weight to which object. In Biblical terms, to give weight or to gain it is related to glory and honour due to someone, as in the Hebrew word *kavod* and the apostle Paul's expression "the weight of glory". Through the incarnation of Christ, God acquires weight and physical materiality. In patristic thought, Saint Augustine works with a pre-newtonian notion of gravity, on which objects are impelled by its weight to its correct place in the cosmos. Likewise, love is the weight that directs the soul until its appropriate place: in the love ordered in God the passage from restlessness to rest is made. The Augustinian vision includes a movement, a teleology of desire and the

affections until God that challenges *light* culture and the contemporary relational fragility as it inspires a life of union and dwelling in the loved being. Saint Augustine offers a vision on which weight is not contrary to movement, but is a unitive forcedirected towards love.

Keywords: love, Saint Augustine, weight, teleology, light man.

“Meu peso é o amor”: a concepção cristã sobre o “peso” em diálogo com a teleologia do amor em Santo Agostinho.

Introdução

Como inimigo de um ideal de beleza estética, o “peso” adquiriu conotações negativas. Vivemos em sociedades obcecadas em perder peso. Consomem-se cada vez mais produtos *light* para conservar-se o padrão estético de beleza magra que se tornou hegemônico como ideal. A tradição judaico-cristã enxerga o presente tema não somente em seus aspectos físicos, mas também teologicamente, com dimensão teleológica: o peso não deve ser necessariamente retirado, mas redirecionado ao adequado fim, o devido peso a cada objeto. Este artigo argumenta que a tradição judaico-cristã, tendo como referencia a bíblia e a obra patrística de Santo Agostinho, oferece uma visão em que o peso não é contrário ao movimento e a leveza, mas é força unitiva direcionada ao amor.

A retirada do peso

Enrique Rojas (11-19) em seu livro *El hombre light* sugere que a característica da vida contemporânea é tirar o peso das coisas. Os produtos *lights* invadiram os supermercados, porém se revelam como sintomas de uma crise antropológica mais profunda: em sentido simbólico, o *light* se tornou um estilo de vida nas sociedades materialistas contemporâneas. O leve, o volátil, o etéreo assume destaque em uma era de vazio moral. Comida sem caloria, cerveja sem álcool, tabaco sem nicotina remetem simbolicamente a perda de sentido e o esvaziamento da experiência humana.

Em termos relacionais, a sociedade atual prefere as metáforas líquidas ao peso dos sólidos, enfatizando a transitoriedade e o passageiro. O sociólogo polonês Zygmunt Bauman em sua obra *Liquid Life* afirma que na pós-modernidade os líquidos substituem os sólidos. Busca-se evitar que padrões de conduta se estabeleçam em tradições e normas, pois a fixação sólida, com o peso que impede a fluidez, é vista negativamente.

A retirada de peso e a leveza também podem ser enxergadas em seus aspectos positivos, pois metaforicamente é um contraponto às pesadas exigências do mercado, baseado na competição e nos resultados produtivos. A retirada do peso é também necessária diante de normas injustas, pesos desnecessários e uma vida baseada no dever. Eugen Biser (597) sugere que Friedrich Nietzsche, ao utilizar o termo “espírito da gravidade” critica uma vida estanque e um Deus meramente normativo. Ao buscar uma vida como leveza, Nietzsche sugere que creia somente em um Deus que soubesse dançar e que não fosse aprisionado no “espírito de gravidade”. Para este autor, Deus não pode afundar-se em sua força de gravidade excessiva. A relevante crítica do ateu Nietzsche é um chamado a teologia recuperar uma visão trinitária da dança divina, a *perichoresis*, o Pai, Filho e Espírito Santo como Amante, Amor e Amado. A censura feita por Nietzsche ao “espírito da gravidade” é necessária ao fomentar leveza em contextos desumanos e aponta para a necessidade de um caminho relacional. Porém, esta perspectiva se insere em um ideal de retirada de peso que não visualiza a metáfora que vincula peso e amor: gravidade e peso são como honra e glória a um outro, expressando a força de vinculação à vida.

Peso como honra e glória

Em termos bíblicos, dar peso ou metaforicamente “engordar” se relaciona a glória e honra direcionada a alguém. A palavra hebraica *kabad* (*kavod*) tem na mesma raiz tanto o termo peso quanto a ideia de honra e glória.

No Antigo Testamento a desonra a Deus é descrita como dar peso a si mesmo. A família sacerdotal de Eli é removida de sua função por dar mais peso a si mesmo que a Deus (I Samuel 1-4). Eli é descrito como pesado, e seus filhos se engordam corruptamente com a carne e gordura dos sacrifícios trazidos pelo povo. A imagem comunica a situação espiritual: fisicamente pesados, uma família de gordos se alimentando de glória e honra a si mesmos. O fim trágico e irônico é a morte do pesado Eli vinculada à frase “Icabode”, não-glória, ou foi-se a glória e o peso de Israel. Outra narrativa relevante é descrita no livro do profeta Daniel, no julgamento do rei Belsazar que foi pesado na balança e achado em falta (Daniel 5:27). Este rei persa se esquece de dar glória a Yahweh, é julgado e destronado, perdendo seu peso e glória.

No Novo Testamento, o apóstolo Paulo vincula a ideia de peso com honra na expressão “peso de glória” na segunda carta aos Coríntios (4:17) para descrever a visão escatológica da recompensa divina. “O horizonte escatológico determina seu ministério” (Thompson 137), e a articulação entre sua visão próxima e futura o permite a articulação que vincula sofrimento presente com a revelação da glória e poder de Deus. Após descrever uma lista de aflições e dificuldades, o apóstolo afirma que os breves e momentâneos sofrimentos produzem glória que pesa mais do que qualquer deles. Em Paulo, o sofrimento é peso de glória que adquire uma dimensão teleológica, o prêmio de sua “soberana vocação”.

Em seu livro *Peso de Glória*, C. S. Lewis (17) sugere que esta visão paulina carrega uma antropologia embutida de valorização de cada ser humano. Não existem pessoas comuns. Cada um carrega um potencial de glória, e no ser humano o Cristo glorificador e glorificado, ele mesmo a própria glória, está verdadeiramente escondido.

Em seu livro *Gravidade e Graça*, Weil indica que os movimentos naturais da alma são regidos por leis semelhantes aos do peso do material. A única exceção é a graça. Enquanto a gravidade é trabalho da criação, a graça envolve um movimento inverso de des-criação, pois Deus consentiu através do seu amor a uma auto-limitação. A graça é a lei do movimento descendente, em que o divino deixa de ser tudo (encarnação) para que o ser humano se una a Deus.

Ao longo da história da igreja cristã acreditou-se que a ressurreição dos glorificados seriam com corpos gordos e pesados. Quanto maior o peso, maior a glória. Esta concepção antiga interpreta a doutrina da encarnação do Cristo e da ressurreição do corpo, na qual Deus adquire peso e materialidade física e assim une os santos a si, que ressuscitam em corpo humano glorificado com o devido peso de glória.

O texto mais relevante nos evangelhos para entender teologicamente o peso é Mateus 11:28-30, nas palavras do Cristo: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve.” A vitória sobre os pesos injustos da existência, sobre o “espírito da gravidade” não acontece em simplesmente se livrar dos sobrepesos e cargas, pois até Cristo impõe sobrecargas (BISER, 1974, p. 606). Cristo, entretanto, chama de leve o seu jugo e a sua carga, porque se coloca debaixo da carga que impõe, e não inflige carga que não tome sobre si mesmo, pois é o executor do que ele mesmo exige. Na comunhão com Cristo, liberta-se do sobrepeso do ser, da opressão de pesos desnecessários para aderir-se à pesada cruz em nome do amor. Um fardo leve, seu peso suave: unir-se à cruz torna-se um convite à comunhão.

Meu peso é o amor: Santo Agostinho e o peso da alma

Na patrística, Santo Agostinho trabalha com uma noção pré-newtoniana de gravidade, na qual os objetos são impelidos pelo seu peso até seu correto posto na ordenação do cosmos. A partir da sua composição própria, um objeto se move ao lugar que o constitui, e se este movimento é bem sucedido, o objeto alcança o repouso.

Todo corpo, devido ao peso, tende para o lugar que lhe é próprio, porque o peso não tende só para baixo, mas também para o lugar que lhe é próprio. Assim o fogo tende para o alto, a pedra para baixo, Por seu peso são impelidos para seu justo lugar. O óleo derramado sobre a água aflora a superfície; a água jogada sobre o óleo submerge. São ambos impelidos por seu peso a procurar o próprio posto.

(Agostinho, Confissões 13.9.10)

Similarmente, para o bispo de Hipona o amor é o peso que direciona a alma até seu lugar apropriado: no amor ordenado em Deus realiza-se a passagem da inquietação para o descanso. “Em teu dom repousamos e nele gozamos em ti. Ele é o nosso descanso, é o nosso lugar. É para lá que o amor nos arrebatava. O Espírito Santo nos eleva a humildade, afastando-a das portas da morte. Na tua boa vontade temos a paz” (Agostinho, Confissões 13.9.10).

Antonio Pieretti (340-345) sugere que para Agostinho o amor é a vida que chama a ligação, um apetite para unir duas realidades, o amante e o objeto do amor. É movimento interno, força que atua na alma como impulso a unir-se. O amor quer se tornar uma só realidade com o seu alvo, é força com uma direção teleológica. Por isso o amor é o peso que leva a alma até o lugar que a corresponde, seguindo a ordem ontológica que rege o cosmos. “Onde há desordem reina a agitação, e na ordem reina a paz. Meu peso é o amor; por ele sou levado para onde sou levado. Teu dom nos inflama e nos leva para o alto; nós nos inflamamos e nos movemos.” (Agostinho, Confissões

13.9.10). Consequentemente, no um amor ordenado, a alma é reestabelecida para o posto que na hierarquia das criaturas lhe compete, concretizando a paz (Pieretti 342).

A busca pela felicidade é baseada em apegar-se a objetos que supostamente tornam um ser humano feliz. Assim, é necessário um conhecimento da ordem que rege o cosmos, da hierarquia metafísica e do valor dos objetos para uma escolha adequada. Segundo Marcos Costa, “Agostinho defende que, segundo a ordem natural ou ‘reta ordem’ dos valores, não devemos antepor as coisas superiores às inferiores, mas dar a cada um o que é seu” (84). Um amor desordenado busca sua felicidade em objetos finitos e temporais, causando problemas à alma: “Para qualquer parte que se volte a alma humana, se não se fixa em ti, se agarra à dor [...] o desejo da alma é existir e repousar no objeto que ama. Mas ele não encontra lugar de repouso nas coisas, porque não são estáveis” (Agostinho, *Confissões*, 4.10.15).

Para Santo Agostinho o impulso à transcendência é a exigência de unir-se a Deus, expressando a relação ontológica que o constitui e que o impulsiona a transcender-se em busca da felicidade. Assim, o amor é o peso que leva a alma até o lugar que a corresponde, o descanso no amor a Deus. Pieretti (343) argumenta que um ser humano em amor aviva sua estrutura trinitária constitutiva, porque acrescenta sua semelhança com Deus, renova a imagem que leva consigo desde o nascimento e recorda, compreende e ama aquele por quem foi criado.

Uma originalidade do pensamento agostiniano é a centralidade que ele dá ao amor na vida trinitária, e ao amor como o elemento renovador da semelhança à trindade (Clark 99). Johannes Brachtendorf (289) sugere que apesar de Agostinho em *Confissões* não elaborar tanto a ideia de semelhança a Deus, no livro 13 já insinua que no interior

do ser humano há uma estrutura que pode ser entendida como paralela à trindade.¹ Agostinho eleva, portanto, o termo relação a uma categoria ontológica fundamental. A semelhança à trindade ocorre porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, estabelecendo o ritmo contínuo de dar e receber amor como o coração da espiritualidade trinitária. (Clark 99). Assim, o amor é o peso da alma que a direciona, efetua a passagem e nos direciona para o coração da vida trinitária.²

Conclusão

A tradição judaico-cristã, ao contrário de uma visão que reduz e retira o peso das coisas, propõe que o peso se relacione à devida honra e glória a alguém. Esta compreensão é evidenciada inicialmente no antigo testamento, e reelaborada pelo apóstolo Paulo como visão de glorificação escatológica futura que encara os sofrimentos presentes como peso de glória. Nos evangelhos, Cristo propõe um fardo leve ao declarar sua vitória sobre os pesos injustos da existência. Ao colocar-se sobre a carga da cruz, ao executar o que ele mesmo exige, convida os discípulos a unirem-se a ele em amor.

A visão agostiniana inclui um movimento, uma teleologia do desejo e dos afetos até Deus que desafia a cultura *light* e a fragilidade afetiva contemporânea inspirando uma vida de vinculação, direcionada à união e habitação no ser amado. O amor, força unitiva da alma, apetite e motor em busca do que intensifica a própria constituição trinitária, é o peso da alma em direção à habitação em Deus: “meu peso é o amor: por ele sou levado para onde sou levado”. (Agostinho, Confissões 13.9.10).

¹Posteriormente, em suas obras da maturidade como *De Trinitate*, Agostinho encontra indícios de uma estrutura trinitária que reflete a semelhança humana a Deus.

²Na obra *De Trinitate*, capítulo 12, Agostinho afirma que amamos a Deus e ao próximo a partir de uma e mesma *caritas*. Na experiência de amor que se tem a alguém, nessa experiência já se está amando a Deus. Como podemos amar a Deus a quem não vemos? Porque temos a experiência do que é o amor.

BIBLIOGRAFIA

Agostinho, Santo. Confissões. São Paulo: Paulus, 2014. Impreso.

Agostinho, Santo. A trindade. São Paulo: Paulus, 1995. Impreso.

Bauman, Zygmunt. *Liquid Life*. Cambridge: Polity, 2005. Impreso.

Biser, Eugen “A balança do espírito. A luta de Nietzsche com o espírito da gravidade.” Concilium 95 (1974/5): 591-606. Impresa.

Brachtendorf, Johannes. *Confissões de Agostinho*. Sao Paulo: Loyola, 2008. Impreso.

Clark, Mary. “De Trinitate”. *The Cambridge Companion to Augustine*. Ed. Stump, Eleonore. Cambridge: Cambridge University Press, 2001

Costa, Marcos Roberto Nunes. “O amor como fundamento da ética cristã de Santo Agostinho” *Ética cristã e filosofia clínica*. Ed. José Mauricio de Carvalho, São Paulo: FiloCzar, 2015. Impreso.

Lewis, C.S. *Peso de Glória*. 1993. São Paulo: Vida Nova, 1993. Impreso.

Pieretti, Antonio. “Doctrina antropológica agustiniana.” *El pensamiento de San Agustin para el hombre de hoy: la filosofia agustiniana*. Ed. Oroz Reta, Jose Valencia: EDICEP, 1998p. V. 1. Impreso.

Rojas, Enrique. *El hombre light: una vida sin valores*. 8. ed. Madrid: Temas de Hoy, 1992. Impreso.

Thompson, James. *Pastoral Ministry According to Paul: A Biblical Vision*. Grand Rapids: Baker Academic, 2006. Impreso.

Weil, Simone. *A gravidade e a graça*. Sao Paulo: Martins Fontes, 1993. Impreso.